

Nos limites da fotografia, nos limites da Antropologia?

Experiências com pessoas cegas que fotografam

Sarah Almeida, graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília

Orientadora: Dra. Fabiene Gama PNP/DAN/UnB

Em 1990 os projetos com a iniciativa de democratização da imagem, em termos de acesso à fotografia e à sua prática, cresceram e se diversificaram, mas suas estratégias e propósitos se manifestaram diferentemente. Esses projetos objetivavam usar a fotografia como “instrumento para a cidadania, em busca da valorização da autoestima e da leitura crítica do mundo” (MENDES, 2005:75). Uma das iniciativas que fazem parte desse movimento é o *Projeto Alfabetização Visual*, um projeto de extensão do Centro Universitário SENAC, em São Paulo, e coordenado pelo Professor João Kulcsár. O projeto teve início em 2008, quando dois estudantes cegos, alunos do Espaço Braille do SENAC-SP, procuraram Kulcsár solicitando capacitação na prática fotográfica. Desde então, diversas atividades têm sido feitas com pessoas com deficiências visuais sob sua coordenação no âmbito do Projeto. Para refletir sobre o projeto e suas atividades, utilizo a fotografia como ferramenta de pesquisa. Expandir a experiência de fotografar e de fazer antropologia neste contexto tem sido pensar tanto a fotografia como a antropologia não como próprias de um sentido, a visão, mas de sentidos, sensações e percepções do mundo a partir do corpo *inteiro*.

Um caminho possível

A pesquisa vem sendo realizada por meio de observação participante em aulas, cursos e oficinas de fotografia ministradas para e por pessoas com deficiência visual. Também analiso fotografias produzidas entre 2008 e 2015 dentro do escopo do Projeto Alfabetização Visual e produções independentes dos praticantes. Além de realizar conversas semiestruturadas (pessoalmente e via internet) e transcrições de materiais em diversos formatos – áudios, vídeodepoimentos, entrevistas para canais de comunicação e palestras sobre a temática – que compõem diferentes experiências e narrativas sobre a relação entre fotografia, cegueiras e percepções de mundo.

E no meio do caminho...

Os rumos para dar conta deste trabalho têm sido diversos e tomo como inspiração as ideias sobre o foco na *confusão* dentro de pesquisas em Ciências Sociais (LAW, 2003). O trabalho antropológico não é baseado apenas em olhar, ouvir, parar e escrever, mas em *idas e vindas* vendo, ouvindo, Tateando, cheirando. É realizado em presenças *online/offline*, pausas e desdobramentos desses envolvimento, que desembocam não só em texto escrito, mas em imagens e combinações

entre elas.

Refletindo sobre as formas de se perceber o mundo e sobre a supremacia sensória do ver sobre o ouvir, são apontados questionamentos acerca da percepção que há muito operam na filosofia ocidental. Neste pensamento, a percepção nada mais é que um movimento centrífugo do mundo em nossa direção, algo que nos atravessa a partir de sinapses nervosas. Contudo, há outra vertente teórica que se contrapõe a essa dizendo que, na realidade, quando o conhecer abrange a totalidade do corpo, a percepção "não é uma operação *dentro-da-cabeça*, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo" (INGOLD, 2008:3). Lidar com fronteiras no contexto da pesquisa não toca apenas os métodos e os limites da disciplina, mas me atravessa enquanto aspirante pesquisadora. Traçar novos caminhos é uma possibilidade de expandir o trabalho etnográfico, de reinventar, a partir da pesquisa e, então, do trabalho de campo, a Antropologia em antropologias, o que somos e como entendemos o mundo (PEIRANO, 2014). Pelo compartilhamento desses novos pensares resulta-se no ofício, potencialmente, "menos certezas, mais dúvidas e, com sorte, mais liberdade" (PEIRANO, 2014:389). É, portanto, colocar em prova e evidenciar que não há fórmula para encarar o campo na Antropologia, que as estratégias não são traçadas apenas a partir da combinação entre as teorias e as vivências, mas também pelo imprevisto, pelo inesperado, pela surpresa. É considerar que somos *corpos inteiros* e que as nossas percepções e os nossos sentidos podem ser (e são!) levados além, como quando, no contexto desta pesquisa, o fazer fotográfico é confrontado a se realizar não pelas vias consideradas usuais, não somente pela escrita da luz, mas que as imagens se formam ainda a partir do toque, a partir da audição, da emoção.

Literatura citada

INGOLD, Tim. **Pare, olhe, escute! Visão, Audição e Movimento Humano.** in *Ponto*

Urbe [Online], 3 | 2008. Disponível em <http://pontourbe.revues.org/1925> ; DOI :

10.4000/pontourbe.1925. Acesso em: 13 de Outubro de 2015.

LAW, John. **Making a mess with method.** Department of Sociology and Centre for Science Studies, Lancaster University, Lancaster, UK. 2003.

MENDES, Ricardo. **Fotografia e inclusão (social):** revendo experiências das últimas três décadas. *Revista d'Art*, São Paulo, v. 12, p. 71-75, 2005.

PEIRANO, Mariza. (2014): **Etnografia não é método.** Porto Alegre, ano 20, n.42, jul/dez. 2014.